

Concepções sobre nordeste, sertão e semiárido em estudos científicos¹

Vinícius da Silva COUTINHO²

Márcia Guena dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo é uma revisão de literatura sobre os conceitos de sertão, semiárido e nordeste, como parte de uma pesquisa de mestrado que pretende investigar estas concepções, a fim de dar subsídios à compreensão da ascendência de discursos de ódio e xenofobia contra nordestinos no *Twitter*, após as eleições gerais de 2022. A princípio, buscamos entender as construções e as representações midiáticas sobre a região nordeste. Constatamos que os discursos de ódio e a xenofobia endereçados aos nordestinos, agora pelas redes sociais, partem de estereótipos que ainda não foram superados e que apresentam uma grande carga de desinformação, deixando de lado a complexidade da região.

PALAVRAS-CHAVE: Nordeste; sertão; semiárido; representação; redes sociais.

Introdução

Ao analisar pesquisas, principalmente, da última década, percebemos que a conceituação de nordeste aparece atrelada a também vinculada a ideia de sertão. No percurso histórico, diversos fatores fizeram com que a região nordestina fosse tratada como periferia do país. A região, com toda sua extensão e diversidade, passou a ser enquadrada com características homogeneizantes. Com isso, discutiremos essas concepções a partir de revisão bibliográfica, a fim de dar suporte à dissertação de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Uneb. A pesquisa visa analisar discursos de ódio e xenofobia contra nordestinos após as eleições de 2022.

Gil (2017) explica que a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Com isso, utilizamos pesquisas desenvolvidas anteriormente para entender as concepções de nordeste, sertão e semiárido. Cordeiro et. al. (2007) destacam que esta

¹ Trabalho apresentado na DT 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB. Graduado em Jornalismo pela UESPI, email: viniciuscoutinho96@gmail.com.

³ Professora do PPGESA e do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB. Doutora em História pela Universidade Complutense de Madrid (UCM), email: mguena@uneb.br.

revisão de literatura apresenta uma temática mais aberta, não exigindo um protocolo tão rígido para sua confecção.

A revisão foi realizada com base no banco de dissertações da Capes e do PPGESA e, também, nos anais dos congressos da Intercom⁴, através de busca pelas palavras-chave *nordeste*, *sertão* e *semiárido*. Revisamos as dissertações de Franco (2020), Medrado (2021) e Souza (2021); os artigos de Rocha e Santos (2018) e Santos (2018). Além disso, utilizamos os livros de Silva et al (2010), Albuquerque Júnior (2011), Conti e Schroeder (2013), Moreira (2018) e Guena e Santos (2022).

Uma linha tênue entre nordeste, sertão e semiárido

São muitas as significações ao tratar de nordeste, desde a delimitação geográfica às características simbólicas e subjetivas adquiridas ao longo do tempo. Portanto, pretendemos entender como esta temática tem sido trabalhada nos estudos científicos. Franco (2020) afirma que, na perspectiva geográfica, as compreensões de nordeste e sertão possuem significações distintas. Para a autora, o nordeste possui uma configuração mais ampla e acaba por abarcar o sertão, que está fixado a outras características geográficas e identitárias, mais específicas. (FRANCO, 2020).

Moreira (2018) evidencia que, nos três séculos de povoamento inicial, no sertão se constituiu uma sociedade marcada pelo pastoreio de gado, pela concentração fundiária oligárquica, dispersão espacial e organização familiar patriarcal e por uma visão de mundo baseada na religiosidade popular. Essas características, oriundas do processo de colonização, refletem muito do que se tem hoje na concepção da região.

Medrado (2021) relata que o termo “sertão” ganhou notoriedade nos séculos XVII e XVIII, referindo-se aos territórios que se encontravam em uma posição geográfica mais afastada do litoral do país. Com essa diferenciação, “logo se consolidou uma posição dicotômica entre os territórios litorâneos e os territórios sertanejos” (MEDRADO, 2021, p. 21). Daí, entendemos que o sertão foi tratado como algo distante, geograficamente e, em seguida, também em outros aspectos.

Medrado (2021) observou também que, durante o século XIX, o sertão ainda era associado aos espaços mais afastados da supervisão da corte portuguesa e a dicotomia litoral/sertão prevalecia. O autor afirma que o sertão era descrito como um espaço

⁴ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

incivilizado e os habitantes locais como bárbaros e perigosos. Nesse contexto, o sertão passa a carregar também a ideia de um local não alcançado pelos processos de modernização e suas transformações sociais e culturais (MEDRADO, 2021).

A seca, tratada como um castigo divino, e suas consequências sociais predominam entre os discursos sobre a região. Como aponta Souza (2021), o interior do nordeste foi criado e constituído como o lugar da seca, tornando-se palco para um jogo de interesses políticos justificados para combater o fenômeno natural. Schistek (2013) e Souza (2021) entendem que com a implementação de estratégias equivocadas, a região foi obrigada a nadar contra a maré durante muito tempo, já que medidas eficientes não eram adotadas. Gerando concentração de terra, da água, do saber, de oportunidades e da própria renda nas mãos de poucos, como apontam Baptista e Campos (2013).

Moreira (2018) constata que foi fixada uma ideia de sertão como deserto, no sentido de ausências, remetendo-se às origens do povoamento, quando as terras não mapeadas e desconhecidas pelos portugueses estavam ocupadas por povos originários. Franco (2020) destaca que o sertão passou a abarcar um emaranhado de significados, em sua maioria, depreciativos, pela construção de signos e significações que formaram esta identidade, reforçada ao tratar do nordeste.

Pensando nas identidades da região, Guena e Santos (2022) afirmam que essa tendência homogeneizante que a palavra “sertão” carrega, também ocultou as identidades afro-indígenas e todo o seu legado político e cultural. Os processos de colonização e neocolonização tentaram eliminar esses povos, tanto de seus territórios quanto de suas essências, reduzindo-os à condição de sertanejos, catingueiros e outras denominações, que não necessariamente os remetem à uma herança ancestral.

Sobre a história do sertão nas mídias, Medrado (2021) evidencia que as produções foram amplamente divulgadas nos meios de comunicação de massas, conseguindo elevados índices de audiência e construindo um conjunto de representações e imagens que perdurariam até a contemporaneidade. Santos (2018) e Rocha e Santos (2018) perceberam que características como o chão rachado, o gado morto, a seca e a miséria, sempre apareciam atreladas às representações do SAB, contribuindo com o estereótipo de uma região infértil e sem vida. Medrado (2021) sinaliza que essa manipulação simbólica atuou decisivamente na formulação de mitos e imagens caricaturadas em relação ao espaço sertanejo, que ainda estão presentes.

Na história mais recente, o Semiárido Brasileiro (SAB) passou a ser melhor compreendido pela ciência e isso teve reflexo nas ações políticas e sociais. Na delimitação atual, o SAB se estende pelos nove estados da região nordeste e também pelo norte de Minas Gerais. No total, ocupa 12% do território nacional e abriga cerca de 28 milhões de habitantes divididos entre zonas urbanas (62%) e rurais (38%), sendo portanto um dos semiáridos mais povoados do mundo (INSA, 2023). Segundo Alencar (2010), o conceito técnico de semiárido foi estabelecido na constituição de 1988 e, em 2005, foi atualizado pelo Ministério da Integração Nacional. O SAB é uma região caracterizada pela irregularidade de chuvas, com altas temperaturas e elevadas taxas de evapotranspiração, que se refletem na vegetação de caatinga. (ALENCAR, 2010)

Moreira (2018) destaca que as novas concepções do semiárido são pautadas por presenças emergentes, como as mulheres, negros e indígenas, e por inovações como a modernização tecnológica, ou pela urbanização e industrialização recente. A autora compreende que as novas rotas mesclam digitalização com raízes culturais e os projetos hegemônicos se cruzam com vozes antagônicas. Assim, os novos mapas e discursos apontam a uma territorialidade povoada de novidades e perspectivas que tendem a virar o mundo, literalmente, de cabeça para baixo (MOREIRA, 2018).

Para Schistek (2013), só é possível haver convivência com o semiárido a partir da educação contextualizada, que leve o contexto da vida dos alunos para dentro da sala de aula. Assim, a região passou a ser concebida como um espaço no qual é possível construir ou resgatar relações baseadas na sustentabilidade ambiental, experimentando novas tecnologias apropriadas como os projetos de coleta e armazenamento de água, como afirma Alencar (2010).

Albuquerque Júnior (2011), Moreira (2018), Baptista e Campos (2013) e Alencar (2010) concluem que não são mais os fatores naturais que definem e identificam a região, mas os fatos históricos e, principalmente, os de ordem cultural que marcam a origem e o desenvolvimento como consciência, já que os percursos foram moldados a partir dos políticos e seus interesses.

Considerações finais

A partir desta revisão se percebe que as concepções de nordeste, sertão e SAB são distintas, mas ao mesmo tempo estão imbricadas pelas suas conexões. Diversas mudanças

aconteceram no percurso histórico da região, muitas delas, não foram atualizadas no imaginário simbólico. Assim, partimos do pressuposto de que os discursos de ódio e a xenofobia destinados aos nordestinos, agora, pelas redes sociais, partem de estereótipos que ainda não foram superados e que apresentam uma grande carga de desinformação, deixando de lado a complexidade da região.

Constatamos, nesta discussão, concepções de um nordeste plural, que acaba por abarcar o sertão e o semiárido, mas que na maioria das vezes é ainda enquadrado num viés ultrapassado e estereotipado com características que não lhe cabem. A exemplo disso, ressaltamos a imensa quantidade de discursos de ódio e xenofobia proferidos contra nordestinos, principalmente, no último pleito eleitoral, após votação expressiva da região nordeste no presidente Luís Inácio Lula da Silva. Observamos, a princípio, a transposição de muito do que foi disseminado nos livros, nas novelas, no cinema sobre a região para as redes sociais.

Assim, este estudo serviu para contextualizar o nosso objeto de estudo da dissertação, em que já observamos, preliminarmente, que os discursos de ódio e a xenofobia proferidos aos nordestinos pelo *Twitter* aparecem cheios das características apresentadas pelos autores nas concepções da região. A seca, a fome, a miséria, a falta de desenvolvimento, acabam sendo aliadas mais uma vez às características da região. Por fim, cabe frisar ainda a importância de se trabalhar com essa temática, tendo em vista que a história vai passando, mas a visão negativa sobre o nordeste vai se perpetuando, mudando apenas o formato em que se apresenta.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Tereza de. Caracterização da macrorregião do semiárido piauiense. In: SILVA, Conceição de Maria de Sousa e; LIMA, Elmo de Souza; CANTALICE, Maria Luíza de; ALENCAR, Maria Tereza de; SILVA, Waldirene Alves Lopes da. **Semiárido Piauiense: educação e contexto**. 1ed. Triunfal Gráfica e Editora, Campina Grande-PB, 2010.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. Caracterização do Semiárido Brasileiro. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS/REDEgenteSAN / Instituto Ambiental Brasil Sustentável – IABS / Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS / Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Gloria Maria; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. **Revisão sistemática: uma revisão narrativa**. Comunicação Científica - Rev. do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v.34, n.6, Rio de Janeiro, nov./dez, 2007.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?lang=pt>,
acesso em: 18 abril 2023.

FRANCO, Amanda Pinto. **A literatura regionalista de 1930 e a construção da identidade nordestina sertaneja no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, p. 143. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Atlas, 7.ed. São Paulo. 2017.

GUENA, Márcia; SANTOS, Ceres. Hierarquias aciais determinam relações interculturais entre negras/negros e quilombolas e não negros no sertão do São Francisco. In: GUENA, Márcia; SANTOS, Ceres. **Racismo na comunicação, até quando?** (organizadoras) – Curitiba: CRV, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO. **Dados do Semiárido Brasileiro**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br/semiariado-brasileiro#:~:text=O%20Semi%C3%A1rido%20Brasileiro%20se%20estende,semi%C3%A1ridos%20mais%20povoados%20do%20mundo>, acesso em 22 abril 2023.

MEDRADO, Jefferson Pereira. **O sertão e suas representações: visualidades e interpretações dos artistas visuais sobre os sertões contemporâneos**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, p. 127. 2021.

MOREIRA, Gislene. **Sertões Contemporâneos: rupturas e continuidades no Semiárido**. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.

ROCHA, Luana Dias; SANTOS, Fabíola Moura Reis. A contribuição da WebTV Uneb Juazeiro na disseminação de um jornalismo contextualizado com o Semiárido brasileiro e seu caráter educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, **Anais** [...], Joinville - SC, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0731-1.pdf>, acesso em 22 abril 2023.

SANTOS, Fabíola Moura Reis. Elementos-chave que orientam o Jornalismo Contextualizado com o Semiárido Brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, **Anais** [...], Joinville - SC, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1577-1.pdf>, acesso em: 22 abril 2023.

SCHISTEK, Haroldo. O Semiárido Brasileiro: uma região mal compreendida. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAURGS/REDEgenteSAN / Instituto Ambiental Brasil Sustentável – IABS / Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento – AECID / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS / Editora IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.

SOUZA, Neucimeire Santos de. **Web TV Caatinga e o jornalismo contextualizado com o semiárido brasileiro: um estudo de recepção no ambiente escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, p. 227. 2021.